



N.º 102 — LISBOA, 22 DE DEZEMBRO

2.º ANO 1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 numm. 1.2000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2.500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1.2000 rs.
Cobrança pelo correio..... 2100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 1.2800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accoitem-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARDIGO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua de Almada, 32 e 34.

PROVERBIOS



Dá Deus nozes a quem não tem dentes

MP 1904

NATAL

O mundo christão celebra mais uma vez o nascimento do Christo, ou seu salvador, com abundantes ingestões de alimentos solidos e liquidos; e esta pratica é por tal forma a unica que accusa no meio das idéas e dos costumes humanos a existencia do christianismo, que, reflectindo bem, perguntámos a nós proprios se a doutrina christã é com effeito uma velha religião, ou apenas uma velha receita para assar perús.

Da sua influencia como religião vemos pouquissimos vestigios.

O christianismo pregou a Igualdade.

Onde está ella?

Tendo conseguido introduzir no Direito um bem sophismavel principio de igualdade, os homens continuaram mantendo-se depois do christianismo, como antes d'elle, divididos por todo o genero de privilegios. Ao lado dos fortes continuaram existindo os fracos, ao lado dos poderosos os humildes, ao lado dos ricos os pobres. Affirmar a equaldade é affirmar a mais impudente mentira. Os homens não são eguaes e não trabalham para o ser. Christo era collectivista e o homem cada vez é mais individual. Emquanto soffre, ainda geme pelas dores alheias. Quando as suas proprias cessaram, torna-se tão avaro da sua felicidade, quanto indifferente á felicidade dos outros. O christão d'hoje é o phariseu d'amanhã.

A equaldade está nos principios christãos, em estado abstracto de theoria. Na pratica christã ella não só não existe, como é constantemente negada. Tudo desnivela os homens, a sua força, o seu poder, a sua fortuna, os mesmo dotes da natureza, como a intelligencia, e tudo em sociedade lhes marca logares differentes, que correspondem a differentes regalias.

O mundo christão, onde Christo pregou a equaldade, está todo dividido por tabiques e só n'isto elle se parece com a obra do filho de um carpinteiro.

O christianismo pregou a tolerancia, e desde quando observa este principio a sociedade christã?

Ao contrario, Christo tem sido imposto a ferro e fogo. A Igreja armase militarmente para o defender e Christo, que pregou a paz, desencadeou a guerra.

Os homens, divididos pela condição, permanecem divididos pelo pensamento. Pullulam os dogmas e são aos milhares os hereticos, seus inimigos. A religião é um dogma, a sciencia outro e ha tantos dogmas como philosophias.

O mundo christão, a quem o christianismo aconselhou tolerancia, é uma vasta agglomeração de partidos de to-

do o genero, que se entrechocam, que se combatem, que se massacram.

Christo ensinou o perdão—e quem perdôa? Quem estende a outra face?

Christo ensinou resignação — e quem se conforma? Ao contrario, a impaciencia é o que caracteriza todos os esforços humanos. A resignação christã não existe senão no estado de vil hypocrisia.

Finalmente, Christo prégou a paz e em que se funda a força, a grandeza e o orgulho das sociedades christãs?

Na guerra!

A sociedade christã é fundamentalmente homicida.

Não matarás! disse o Christo, e estes christãos que hoje se sentam á meza para celebrar o advento da sua palavra de ha dois mil annos, ha dois mil annos que não fazem outra coisa que não seja—matar, em guerras de castas, de ambições, de partidos, de familias.

A palavra de paz do christianismo triumphante foi tão pouco escutada pela humanidade christã, que para que ella, dois mil annos passados, uma ou outra vez se faça ouvir no fragor das guerras, foi preciso que se organisasse uma associação sentimental de philantropos, não mais numerosos do que os membros de um club de jogadores de xadrez.

A paz christã não é ainda um facto christão. Depois de tão esplendorosamente annunciada ao mundo, é apenas o vago ponto do vago programma de uma sociedade de recreio. Não ha ainda paz no mundo e para que um dia ella venha a existir, os homens não fazem mais esforços do que o de reunir periodicamente uma assembleia geral, lavrar uma acta, pagar uma quota.

Em vista d'estes resultados, o que devemos concluir?

Que o christianismo é uma religião de que se mantem escrupulosamente os ritos, sem excepção dos ritos de meza redonda, mas de que não se observaram ainda os principios e mandamentos.

Tudo quanto o mundo christão faz hoje para se mostrar verdadeiramente christão é — comer perús.

de enriquecer periodicamente um grande número de individuos, porque, embora não lhes dê a fortuna, lhes dá o que a vale quasi, isto é — a illusão de a possuirem.

Emquanto não são desilludidos, esses individuos gosam a posse da felicidade, no que ella tem de mais seductor, que é o goso material.

A vida, no ponto de vista da razão commum, só é boa pela somma de prazer que offerece. A alma mais atribulada reconforta-se com uma boa viagem. E' mesmo o que aconselham os medicos ás doenças da alma. Grandes dôres se affogam n'uma taça de Champagne.

Sem prazer, sem phantasia, sem capricho, sem commodidade, o que é a vida?

Dôr.

A dôr de viver veio com o primeiro homem que não pôde alcançar o primeiro fructo que cubiçou.

Emquanto a roda não anda, os jogadores da Loteria vêem cahir-lhe esses fructos no regaço, e é feliz.

O seu sonho dá-lhe tudo — as satisfacções do orgulho bruto, as do amor proprio e as da vaidade, as dos sentidos e até as da alma.

A desillusão vem, mas logo sobrevem uma illusão nova. A Loteria, como os dados, mostra constantemente, sobre o mesmo tapete, ora a face da Miseria, ora a da Fortuna.

A Loteria do Natal é a maior illusão e tambem a maior desillusão dos jogadores de loteria, que, digamolo honradamente—somos nós todos.

Antes d'ella, entrevemos o Paraizo. Depois d'ella conhecemos—o Inferno.

A Loteria de Dezembro é um drama nacional, em que os portuguezes todos representam um papel, que ora é um bilhete inteiro, ora um decimo, ora uma cautella.

D'esse drama, o auctor laureado chama-se — Providencia.



Sobrecasacas Inglezas

e leis Inglezas

A cerimonia da recepção dos sobranos recémchegados, deu logar a uma util innovação nos costumes.

A exemplo do que é usado em Inglaterra, a casaca foi bannida n'essa cerimonia diurna, como parece que o será de futuro, sendo substituida pela sobrecasaca.

Esta innovação dá-nos a esperança de que outras sejam introduzidas successivamente—sempre a exemplo do que faz a Inglaterra.

Já temos, de Inglaterra, as sobrecasacas.

Esperemos—as leis.

JOÃO RIMANSO.



A LOTERIA

A' hora d'este jornal entrar na machina, meio mundo em Portugal e seus dominios — sonha.

Sonha e é feliz.

Diz não nos recorda qual dos muitos moralistas que se encarregam de pôr em lettra redonda o que os outros pensam, que a loteria tem a vantagem

A questão do dia

A questão da passagem dos electricos pelo Chiado, se não dividi a opinião, dividiu pelo menos o Chiado, uma parte do qual reclama contra os electricos e outra parte a favor.

O Chiado que se pronuncia contra a passagem dos electricos allega: extraviado da sua clientela, que deixaria de andar a pé por aquella rua elegante, passando por elle, logo que os electricos ali se estabelecessem, como gato sobre brasas, para não dizermos — como cão por vinha vindimada; accumulção de vehiculos, pelo facto da alludida rua ser demasiado estreita para dar passagem ao mesmo tempo aos carros electricos e aos numerosos vehiculos de outro genero que a percorrem; finalmente, sensível prejuizo para o que os reclamantes chamam — a esthetica do Chiado, a qual seria comprometida pelos postes de suporte e pela rede aerea da viação electrica.

Por sua vez, o Chiado que se pronuncia a favor dos electricos, sem se mostrar preocupado, já com a accumulção de vehiculos, já com a questão esthetica, allega ao contrario, que a viação electrica é uma causa de movimento e de actividade commercial, e, por esse motivo, reclama os electricos.

Qual dos dois tem razão?

O Chiado que protesta contra a passagem dos electricos, sob o pretexto de que ella é pernicioso, ou o Chiado que a reclama sob a allegação de que ella é util?

Vejamos — como se diz na *Sociedade onde a gente se aborrece*.

Em principio, tudo quanto tende a augmentar as commodidades do homem social é bom e é util. Proclamar, portanto, pernicioso um principio de bem e utilidade geral em nome de interesses individuaes, é fazer obra anti-social. A sociedade são os interesses do maior numero. E como não seria assim? D'outra forma, a cada passo os interesses humanos soffreriam o choque das conveniencias individuaes.

Em principio, pois, um vehiculo servindo interesses ambulantes, que são os do maior numero, não pôde ser reputado prejudicial, nem mesmo quando comprometa alguns interesses fixos, em minoria. — Reconhecida, por exemplo, a necessidade publica de um carro electrico no Chiado, os interesses particulares d'esta rua, por muito que se sentissem lesados, não tinham senão de inclinar-se.

Tal a questão em principio.

Em these, affigura-se-nos que ella tem sido consideravelmente desfigurada, e que tanto os que reclamam

contra os electricos, como os que reclamam a seu favor argumentam de baixo de um errado ponto de vista.

Não é certo, em primeiro logar, que uma linha electrica passando pelo Chiado desviasse d'este local de luxo a sua habitual concorrência. O effeito reconhecido da viação consiste em augmentar a actividade dos individuos, convidando-os a deslocar-se. Até certo ponto teriamos mesmo o direito de esperar que o movimento de transeuntes no Chiado augmentasse com a installação de uma linha electrica que os convidasse a vir ali.

Os interesses do Chiado parecem no entanto acreditar, que as pessoas que por necessidade e habito procuram aquelle local, passariam de futuro a transitar por ali unicamente de carro. Para admitir como bom semelhante raciocinio seria necessario acreditar igualmente que a população se desloca unicamente para andar de carro e que, quando houvesse electricos em toda a cidade de Lisboa, não haveria um unico habitante disponível para andar a pé. A missão social de Lisboa seria, n'este ponto de vista — *andar no Electrico*, o que não é exacto, porque o electrico não é um fim: é um meio.

Mas, por outro lado, tampouco é exacto, como allegam os que reclamam a viação electrica para o Chiado, que a actividade e o commercio d'esta rua estejam em riscos de percer, pelo facto da população que transita pelos carros electricos, ser levada para outros pontos da cidade.

O Chiado é uma rua, cujo credito e, portanto, cuja prosperidade é já hoje independente do concurso de circumstancias forasteiras. Os seus interesses locais que reclamam a viação electrica allegam a rua Augusta, o seu movimento e o desenvolvimento do seu commercio, que attribuem ao Electrico. A rua Augusta era uma rua por fazer. O Chiado é uma rua feita. A tradição não é uma coisa vã e não é o primeiro adventicio que a destroe. Essa tradição, mais do que nenhuma outra rua de Lisboa, tem-na o Chiado e não consiste, como o imaginam os interesses que ali estão localizados, no seu commercio, nas suas lojas, ou nos seus mostradores, mas no Costume, — unica duradoura força social — que o assignalou como devendo ser aquelle logar da Cidade por onde é forçoso passar, para exhibir a fortuna, inculcar a belleza, mostrar a *toilette*, commentar o facto, ter o dito.

O commercio do Chiado, tanto o que reclama a favor, como o que reclama contra o Electrico, mostra-se alarmado pelas suas receitas. A nosso ver, sem motivo. Passa-se pelo Chiado muito mais para vender do que para comprar. O Chiado não é uma razão social. Por muito que isto

pareça illogico, o Chiado não é Jeronymo, Martins & Filhos. O Chiado não é uma mercearia, u na pastellaria, ou uma loja de modas. O Chiado é a Sociedade, que precisa d'elle, como um actor precisa do theatro, porque é ali que ella representa não diremos já os seus dramas, para não fazermos dissertações patheticas, mas as suas comedias.

Um carro electrico passando pelo Chiado não lhe daria mais fortuna ou mais gloria. Faria apenas — mais barulho.

Affigura-se-nos, posto isto, que se desencadearam paixões excessivas á volta do facto que vimos tratando.

O que haveria a verificar, cremos nós, seria, não as vantagens, ou desvantagens privadas dos interesses locais servidos, ou desservidos pelo Electrico, mas a conveniencia geral de o estabelecer no local em questão.

Por outras palavras, o que haveria a verificar seria a conveniencia publica da passagem do Electrico pelo Chiado.

Nenhum dos dois partidos que se formaram e a virtude d'esta questão pensou, porém, em semelhante facto. Nenhum d'elles reflectiu que semelhante conveniencia não existia e que ella era toda não do publico, mas da Companhia.

Com effeito, o publico não precisa do Chiado para as contingencias do transitio. O Chiado não é uma rua de passagem. Isso seria amesquinhal-a. Só «passar» no Chiado — os gallegos. Quem quer «passar», vae por outra parte, para o que tem um certo numero de elevadores prestantes e modicos, além de um certo numero de subidas não mais duras de roer para quem leva consigo o fogo das situações instantes.

As communicções entre a Alta e a Baixa estão, além d'isso, servidas pelos mesmo rapidos Electricos, que, em certos intervallos de tempo transpõem os mais longos itinerarios. Emquanto o transeunte sobe a pé as rampas ingrimes do Calvario do Carmo e do Chiado, o Electrico veloz, partindo do mesmo ponto, atinge, pelo menos ao mesmo tempo, a praça de Luiz de Camões.

Está demonstrado que só se sobe o Chiado por prazer — ou por economia. Por prazer toda a gente; por economia — os poupados.

Afastada assim a idea de uma alta conveniencia publica, restam as conveniencias evidentes da Companhia, as quaes visivelmente consistem em primeiro logar em crear um novo ramal da sua rede e; por ultimo, em abreviar o percurso da sua tão productiva linha Principe Real, augmentando o numero dos gyros da seus carros, muito provavelmente sem diminuição de preço. O trajecto pelo Chiado, em substituição do trajecto pelo

A LOTERIA DO NATAL



RAPHAEL BORNHALL 1847

—BRANCO!

Arsenal, não significa, n'este ponto de vista, como negocio, uma brincadeira.

Assim tambem, suppondo servir os seus interesses, são estes que o Chiado está, com os seus facciosismos, naturalmente servindo. As paixões do Chiado não representam afinal para a Companhia dos Electricos senão — dividendos.

E' esta uma razão para que nos opponhamos á passagem d'aquelles uteis vehiculos pela nossa mais elegante via publica?

Não é uma razão para tomarmos partido contra os electricos, mas talvez uma razão para não tomarmos partido a seu favôr.

Nada, porem, é menos sympathico do que não ter, no meio dos conflictos humanos — uma opinião. Só não tem opinião os egoistas, os commodistas e os sovinas.

Acerca d'esta questão palpitante pronunciemos-nos com abundancia e generosidade. — Tenhamos não uma, mas duas opiniões; uma opinião em nome dos interesses da Sociedade e outra em nome dos interesses da Companhia.

Como representantes da Sociedade, a nossa opinião é a de que o Electrico, no Chiado, não é uma necessidade social.

Como accionistas da Companhia, a nossa opinião é a de que essa necessidade — é urgente.



O que ahí se diz

Dizem que um Club qualquer,
Grande regenerador,
Vendo o patrão sem talher,
Saiu do aprisco a correr,
Como quem foge a vapor;

E que — não vendo desdoiro
No passa-pé á fadista
Para ganhar novo loiro,
Como o christão se faz moiro
Se fez — Club progressista.

Sem metter o caso a riso,
Merecem uma redoma
Estes gajos... mas aviso
Que, quando o juizgem preciso,
Passam p'ra a lei de Mafoma!

Meus amigos progressistas,
Assentem lá no canhão:
—Que estes illustres clubistas
Serão famosos sacristas,
Amigos, isso é que não!

Falo com fé no que digo;
Sou de portugueza raça;
E sei o rifão antigo:
E' tórto quem deixa o amigo
Quando elle cáe na desgraça!..

Mas dizem hoje os patrões,
Meninos que andam á cóca
De choradas posições...
Que n'esses nossos rifões,
Vae grande troca-baldroca.

Por mais que um rifão se gabe,
Vê-se-lhe a metamorphose!...
Hoje a honra inteira cabe
Ao que diz — cada um lá sabe,
As linhas com que se cose!

SEMPRE!

Os brilhantes falsos perante a justiça

A noticia mais curiosa que encontramos nos jornaes da presente semana é a de que os brilhantes Bera foram chamados aos tribunaes, por um cliente que os accusa, não de serem falsos, mas de serem mais falsos ainda do que elles se inculcam.

Tendo adquirido no local em que estas joias artificiaes se vendem, um certo numero de brilhantes, o cliente em questão verificou, ao entrar na sua posse, que elles não possuíam o brilho que lhes attribuiram, em vista do que intentou perseguições judicias.

Inconvenientes de todas as coisas falsas e de ainda haver quem lhes reconheça prestigio e influencia!

O que succede com os brilhantes falsos, succede com tantos outros artificios d'este mundo.

O publico do artificio caher invariavelmente no desencanto e na desillusão.

O cliente dos brilhantes falsos invocou a justiça.

Se nós fossemos a Justiça, o que não é lamentavelmente o nosso caso, porque assim estamos privados ao mesmo tempo da sua gloria e dos seus emolumentos, eis o que lhe diriamos:

— Pedir sinceridade ao artificio é pedir a lua. Brilhantes que se reconhecem falsos recommendam-se no entanto, por uma grande somma de probidade. São brilhantes falsos, mas são ao mesmo tempo casos singulares de rectidão. Como brilhantes falsos são verídicos. São uma impostura, que pode illudir a vista, mas não illude a razão. De que se queixa V. Ex.^a? — de quea illusão é incompleta? A illusão completa só dá a Verdade e a verdade, ex.^{mo} Senhor, é excessivamente cara. Pelo preço por que V. Ex.^a adquiriu os seus brilhantes falsos, V. Ex.^a não podia aspirar senão a uma passageira illusão. Portanto, indeferido e pedra sobre processo.



Fatias do mesmo queijo

GLOSA

Esses ministros que entraram.
Não arreganharam beques;
Fizeram salamalekes
Aos que o becco despejaram:
Tanto uns como outros juraram
Tocar no mesmo realejo;
Todos são, segundo eu vejo,
Mata-bichas do paiz...
Ou, como o outro que diz,
Fatias do mesmo queijo.



GUITARRA DA PARODIA

MOTTE

A vida é o dia de hoje
A vida é um aí que sôa,
A vida é nuvem que foge,
A vida é fumo que voa.

João de Deus.

GLOSA

O' tu, mortal, que pelepas
Quando o ouro vil amontôas,
Queres que as outras pessoas
Sejam roidas de invejas?
P'ra que é que tanto desejas
Se o tempo é coisa que foge?...
Tua audecia não se arreje
A conduzir-te á loucura;
Não pensés que a vida dura,
A vida é o dia de hoje!

A' força de muito ardir
Tens o throno da riqueza?
Pois, quando o mendo t'a préza,
E' que elle tambem é vil!...
Só se destaca entre mil
Quem do mal de outrem se dda;
Abate essa altiva prôa,
Curva-te ao fatal decreto;
No homem, como no insecto,
A vida é um aí que sôa!

Apraz-te ver a pobreza
Tributando humilhações?
E se os teus muitos milhões
Representarem vileza?!
No mundo não ha grandeza
Que o tempo não desaloje;
Toda a validade se roje,
Arrependa-se o orgulhoso,
Que, sobre um mar tormentoso,
A vida é nuvem que foge!

Se de rico tens renome,
Por sorte, por manha, ou arte,
Essa fortuna reparte
Com teus irmãos que tem fome:
Então, laureado o teu nome,
A justa fama o apregôa;
Vale mais uma acção boa
Que mil mundanos engodos...
A morte chama por todos,
A vida é fumo que voa!

VENANCIO.



A camera dos deputados.

ou um novo forno crematorio

A camara dos deputados vae ser aquecida por melhores processos.

Tendo-se já feito experiencias de novos caloriferos, um jornal verifica que ellas deram o melhor resultado e accrescenta: «Tendo sido distribuidos thermometros por diversos pontos da sala, todos elles accusavam a mesma temperatura, que se elevou a vinte e tantos graos, podendo ir até cincoenta».

Vae longe o tempo em que o systema parlamentar se aquecia por si mesmo.

Hoje, é isto que se vê. Á falta de calor proprio, o parlamento é um forno crematorio. O que lhe falta em paixão, sobra-lhe em carvão de coke.

Ouvreria e Relojoaria
 com officina annexa
 de fabrico e
 concessões



FLORINDO
 JOIAS
 COM
 brilhantes
 PREÇOS
 Limitadissimos
 99, RUA AUREA, 99

ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS
 FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
 154, Rua da Magdalena, 154-A
 (ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)-Lisboa



RUA DE SANTA ANTA 28430

Pede a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

Companhia União Fabril
 Rua 24 de Julho, 940
LISBOA

Recompensas obtidas em 1904 pelos seus productos

EXPOSIÇÃO DE S. LOUIS
 O Grand prix em velas e sabões, Grupo 23

Uma medalha d'ouro em adubos, Grupo 20

Uma medalha d'ouro em oleos e bagaços cumestiveis, Grupo 84

Uma medalha de prata em oleos não cumestiveis, Grupo 93

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DO PORTO
 O 1.º PREMIO
 Medalha d'ouro
 Diploma d'honra em velas, sabões, oleos, etc.

Olhos de Paris, olho, lã, lã, purpura, etc.

Sábões e Vela para iluminação de todas as quantidades.

Bagaços ologuieros e Tenteiras alimentares para engordar e nutricao de gado.

Adubos Chimicos e Massa de Purpura para a cultura.

A LUVA VERDE
Chiado, 29

Os operarios luveiros em sociedade. Limitando-nos apenas a tirar as nossas ferias semanas independente e o motivo pelo que podemos vender aos preços seguintes:

Luvras de pellica, 1.ª, 3 botões.....	380
» Suede, 1.ª, 3 botões.....	350
» á Ingleza, 1.ª.....	670
» superior.....	750
» Inglezas importadas.....	1060.

A LUVA VERDE
Chiado, 29

Abolentas
 Em bolos e galletas
 com leite e ovos
 R. Gremio Typografico



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
 Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e do Minho e Douro
Aviso ao publico

Por accordo entre as administrações combinadas é annullada, desde 1 de jan iro de 1905, a tarifa especial M. D. L. N. S. S. n.º 1 de grande velocidade, em vigor desde 10 de março de 1879, para o transporte de passageiros entre varias estações das linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro, via Lisboa-Barreiro.

Pela via Vendas Novas Setil são vendidos bilhetes directos e despachadas bagagens entre todas as estações das duas redes pelos preços das Tarifas Geraes.
 Lisboa, 2 de dezembro de 1904.
 O director geral da Companhia—Chapuy

Callista pedicuro
JERONIMO FERREANDES
 Empregado da casa Ornellas R. SERPA PINTO, 45, 1.º
 Frente para o Chiado



EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.
 Pede-se ao publico que visite este consulto in para se certificar do verdadeiro emiligras que ali se operam.
 Das 9 as 5 da tarde



Gabões de Aveiro de 38800 a 250000
 Sobretudos da moda de 60000 a 250000
 Gabões para senhoras e meninas de 40500 a 450000 reis.

CASA DAS TESOURAS
 51 - R. da Escola Polytechnica - 55

CASA PORTUGUEZA
 Papellaria e typographia
José Nunes dos Santos
 Successor de MANUEL DA SILVA
 N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papelytypo

PAPELLARIA **T. YPOGRAPHIA**

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos p. ciosos nas escolas.

Trabalhos typographicos em todos os generos.
 Impressões a cores, ou ro, prata e sobre setim.

Papellaria: **Rua de S. Roque 139 e 141**
 Officina typographica: **R. das Gaveas, 69 LISBOA**

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
 PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

CHARUTEIRAS

Cigarreiras, tabaqueiras, boquilhas, cachimbos, etc.
 Artigos de papellaria, publicações, aguas e jornaes.
 Variado sortimento em bilhetes postaes illustrados.
 Tabacos nacionaes e estrangeiros, das melhores procedencias.

55, L. do Conde Barão, 55 - Lisboa

TOSSES
 Curam-se com as pastilhas peitoraes do Dr. Cruz. Preço de caixa 300 reis.

FRIEIRAS
 Curam-se com o balsamo de Warrem composto. Preço do frasco 300 reis.

GALLOS
 Extraem-se com o callicida de Cyrino. Preço do frasco, 200 reis.
 Pharmacia C. da Silva. R do Diario de Noticias, 113, Lisboa.

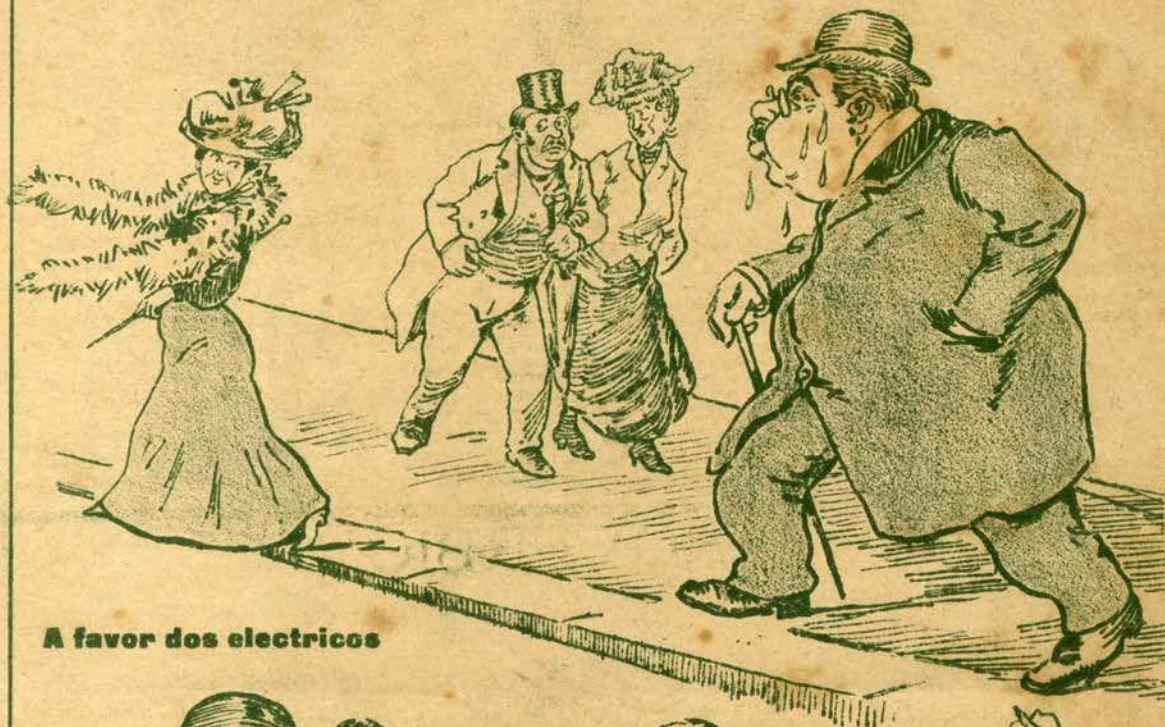
UM CONSELHO D'AMIGO

Uzae, se soffreis de qualquer das doencas abaixo inumeradas, o depurativo **Dias Amado** esse preparado cujos effeitos tem assombrado milhares de doentes condemnados a soffrerem eternamente. Para que vos fique desde logo a convicção intima de que estaes em presença do unico remedio que vos pode garantir uma cura e consequentemente a tranquillidade do vosso espirito e do de todos os membros da vosssa familia—uzae como experiencia, apenas 3 frascos, que elles serão sufficientes para que encontreis o caminho rapido e certo do restabelecimento. Garantimos a vosssa cura nas seguintes doencas: Utero e ovarios, tumores, rheumatismo, syphilis, chiagas, escrofulas, oihos, feridas e diabetes e em todas que provenham de impureza de sangue.

Deposito Geral—Pharmacia Ultramarina
RUA DE S. PAULO, 101, LISBOA
 Preço de cada frasco, 10000 réis

OS ELECTRICOS NO CHIADO

Electricidade positiva e electricidade negativa, ou a opinião



A favor dos electricos



Contra os electricos

M. 114/10